

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
ANTE-ESTREIA
1 de outubro de 2024

MÃOS NO FOGO / 2024

um filme de Margarida Gil

Realização: Margarida Gil / **Argumento:** Margarida Gil (livremente inspirado na novela “The Turn of the Screw”, de Henry James / **Direção de Arte:** Carlos Subtil / **Imagem:** Acácio de Almeida / **Montagem:** João Braz / **Som:** Ricardo Ganhão / **Mistura de Som:** Paulo Abelho, Joana Nisa / **Música:** Daniel Bernardes / **Interpretação:** Carolina Campanela, Francisco Vistas, Rita Durão, Marcello Urgeghe, Sara Santos, Ricardo Aibéo, Elgar do Rosário, Sofia Vilariço, Adelaide Teixeira.

Produção: Ar de Filmes / **Produtor:** Alexandre Oliveira / **Cópia:** DCP, Cor, 109 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca.

com a presença de Margarida Gil

Evil defies thought
- Hannah Arendt

A novela de Henry James é mais oportuna do que nunca, neste tempo em que o “Mal” surge de todo o lado, invisível, inescapável. A casa reflecte o mundo em guerra, a ameaça de fora e a falsa segurança daquele lugar remoto. O fascínio que a obra de Henry James sempre exerce, do cinema, ao teatro e à ópera, não é alheio à constante presença do medo, latente e aleatório, e das realidades invisíveis, espectrais, que por definição são a matéria do Cinema.

Existem no filme dois eixos paralelos à acção principal - um violador dentro da família, sedutor e aparentemente incólume e a escrita de um registo pessoal, um diário em forma de folhas de anotação, criando uma pontuação rítmica ao filme, bem como momentos (visuais) de respiração.

Embora a abordagem pareça por vezes de comédia, o horror subjacente à novela de Henry James e a este filme, a possibilidade de abuso permanente feito pelo próprio Leonardo, vai-se tornando evidente aos espectadores, mas não à jovem realizadora. As vítimas vão-se tornando seus cúmplices e futuros predadores. Ou não, e o Mal está só nos olhos de quem o vê. A questão também aqui se concentra na personagem de Lou, a perceptora, tal como no livro, se mostra ambígua; sabe ou não sabe? Tem o Mal nos olhos ou olhos passivos que apenas vêem?

Desde a minha primeira longa-metragem tenho lidado com as complexas relações amorosas que se confundem com complexas relações de poder. Também tento utilizar a unidade da cena

contida em planos-sequência. A casa foi sempre nos meus filmes uma personagem com expressão forte, com fala, bem como o contexto geográfico que a deve exprimir. Há um filme dentro do outro. O que se vê e o que se sente. O trabalho do som é crucial, a casa geme tenebrosas coisas a que assistiu, o susto das cortinas, o estremecer das traves de madeira; a própria luz faz o mesmo, a penumbra da casa, assombras do parque, a lua que ilumina o lago, contrastando com o calor da cozinha, os fumos e vapores do fogão e as cores vivas do fogo e dos alimentos.

Margarida Gil